
La Comédiathèque
A aldeia mais bonita de França
Jean-Pierre Martinez
comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

A Aldeia Mais Bonita de França

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Qualquer semelhança com uma aldeia francesa existente seria pura coincidência.

Belacon-le-Château, uma aldeia da Provença, está prestes a receber o título de Aldeia Mais Bonita de França. Ao mesmo tempo, a segunda volta das eleições autárquicas pode entregar a presidência da câmara a uma candidata da Frente Populista. No bistrot A Parte dos Anjos, as figuras mais influentes da terra discutem as hipóteses do presidente cessante e da sua extravagante adversária. Mas uma sucessão de imprevistos vai baralhar o escrutínio e dar razão a Winston Churchill: a democracia é o pior dos regimes, à exceção de todos os outros.

Personagens:

Jacques Regador, conhecido por JR: presidente cessante da câmara
Baronesa de Carlsberg-Kronenbourg: sua adversária nas eleições
Marcel(le): primeiro(a) adjunto(a) do presidente da câmara e notário(a)
René(e): pintor(a) sem um tostão
Maurice(tte): médico(a) amigo(a) da bebida
Charles: novo-rico parisiense
Dominique: coronel da reserva
Ramírez: polícia municipal
Sánchez: ajudante de Ramírez
Claude: proprietário(a) do bistrot
Francine: burguesa da Provença
Bernadette: filha de Francine, aspirante a atriz
Mario: mecânico e homem para todo o serviço

O presidente da câmara e a baronesa podem ser interpretados pela mesma pessoa ou por intérpretes diferentes. Marcel(le), René(e), Maurice(tte), Dominique, Ramírez, Sánchez e Claude podem ser interpretados por homens ou mulheres.

Elenco possível com 12 intérpretes:
3H/9M, 4H/8M, 5H/7M, 6H/6M, 7H/5M, 8H/4M, 9H/3M
Elenco possível com 13 intérpretes:
3H/10M, 4H/9M, 5H/8M, 6H/7M, 7H/6M, 8H/5M, 9H/4M

© La Comédiathèque

A esplanada de um bistrot provençal. Sobre a entrada, um letreiro: A Parte dos Anjos. Algumas mesas com cadeiras. Maurice, médico da terra, já com o ar de ter bebido um copo a mais; René, um boémio; e Dominique, de porte militar, estão sentados. Ouvem-se cigarras.

Maurice – Está tudo sossegado demais hoje.

René – Até as cigarras cantam mais baixo do que é costume.

Dominique – A calma antes da tempestade...

Maurice – Está um calor abafado, não acham?

René – Um calor de morrer!

Dominique – Se ao menos soprasse o mistral…

René – O mistral é o ar condicionado dos pobres.

Maurice – Em que estás a trabalhar agora?

René – Espera, deixa-me ver o termómetro. *(Tira um termómetro médico do bolso e olha para ele.)* Trinta e oito e meio! Com esta febre, hoje não trabalho.

Maurice – Com essa febre, devias consultar um médico. Tens um mesmo à tua frente.

René – Falo da temperatura lá fora. As cigarras só cantam acima dos vinte e cinco graus. Eu só pinto abaixo dos vinte e dois.

Dominique – És ainda mais preguiçoso do que a cigarra da fábula. Pelo menos ela cantava o verão inteiro.

René – Que queres? Sou uma cigarra que não suporta o calor.

Maurice – Então, porque vieste para o sul?

René – Precisamente para descansar. Como Van Gogh.

Dominique – Van Gogh ainda pintou umas quantas obras-primas enquanto viveu no sul de França.

René – Naquele tempo devia estar mais fresco…

Maurice – É verdade, isto dá sede.

Esvaziam os copos.

René *(para o bistrot)* – Madame Claude, mais uma ronda!

Claude, dona do bistrot, com o ar de uma antiga patroa de bordel, aparece mal-humorada e volta a encher-lhes os copos.

Claude – Rosé com toranja?

Os três assentem, e ela serve.

Maurice – Não ponhas muita toranja, que me dá azia.

Claude – Tem razão, doutor, o sumo de fruta é péssimo para a saúde.

Maurice – Mas o vinho é um excelente antioxidante.

Dominique – Então deves ter uma saúde de ferro.

O canto das cigarras interrompe-se de repente.

Claude – Ora, as cigarras calaram-se!

Maurice – Sim, parece que está a refrescar.

Dominique (*para René*) – Vais poder voltar a trabalhar.

René volta a olhar para o termómetro.

René – Mas continua o mesmo calor.

Claude – Essas cigarras estão completamente malucas. Tal como o clima...

Maurice – Deve ser por causa dos pesticidas.

René – Ou talvez seja apenas a hora de descanso.

Claude – Estão de pausa. Até as cigarras já aderiram às trinta e cinco horas semanais em França. Devem estar a compensar horas extraordinárias.

Claude entra no bistrot. Chega Charles, um parisiense elegante, em férias.

Charles – Que calor!

René – Sim, foi exatamente o que estávamos a dizer.

Charles – E logo de manhã. Hoje não é dia para trabalhar.

Maurice – Ainda bem que estás reformado.

Charles – E vocês, que ainda trabalham? Como vão aguentando?

Dominique – Também estou reformado.

Charles – Na tua idade, eu não me gabava disso. Depois queixam-se do défice da Segurança Social.

Dominique – Continuo a ser coronel da reserva.

Charles – Ora, saber que numa terceira guerra mundial voltarás ao serviço deixa-me muito mais tranquilo.

Maurice – Numa guerra, devíamos mandar os reformados para a frente de combate. Uma guerra de vez em quando resolvia o problema das pensões.

René – Imaginem a Primeira Guerra Mundial com dois exércitos de velhotes a baterem-se de bengala e a atropelarem-se com os andarilhos. Dá-me uma ideia para um quadro.

Charles (*para René*) – E que tal acabares primeiro o quadro que encomendei para pôr sobre a minha lareira?

Dominique – Que quadro é esse?

Charles – Uma cópia de A Liberdade Guiando o Povo, de Delacroix.

Maurice – Bem... Isso dá trabalho!

René – Sem dúvida... *(Para Charles)* Não preferes que lhe dê uma simplificada?

Charles – Quero uma cópia que o Delacroix pudesse ter assinado.

Maurice – Não sabia que eras tão republicano.

Dominique – Afinal, pode-se pagar imposto sobre uma fortuna e continuar fiel ao espírito da Revolução.

Maurice – O original está no Louvre, não está? Então, que modelo usas para a tua cópia?

René tira do bolso uma velha nota francesa de cem francos, com o retrato de Delacroix, e mostra-a.

René – Uma nota de cem francos. É o meu modelo.

Maurice – Agora percebo a paixão de Charles por Delacroix. Faz-lhe lembrar o dinheiro.

Dominique – Nessa altura, nem havia imposto sobre as grandes fortunas…

Charles – De qualquer maneira, quero-o pronto antes do inverno.

René – Não te preocupes, falta pouco.

Maurice – A segunda demão de tinta, só isso.

René – Mas agora está demasiado calor...

Charles – Sou cliente, não mecenas. E lembro-te que já te dei um adiantamento.

René ergue o copo.

René – E podes ter a certeza de que o adiantamento foi muito bem aplicado.

Bebe o copo de um trago.

Charles – Entre um pintor provençal que só trabalha com frio, um médico que dá consultas no bistrot e um coronel pago para esperar pela próxima guerra mundial… A França está bem entregue. Ao menos eu instalei ar condicionado em casa.

René – Tens razão. O calor faz muito mal às pessoas mais velhas.

Maurice – Na vaga de calor de 2003, passei o tempo a assinar certidões de óbito.

René – Como se agora fizesses outra coisa…

Charles – Por outro lado, se o mistral começar a soprar, terei instalado o ar condicionado para nada. E não é propriamente barato.

Dominique – O ar condicionado é como a bomba atómica. É caro, mas o ideal é nunca precisar de o usar.

Madame Claude, a dona do bar, espreita pela esplanada.

Claude – O que é que vai ser?

Charles – Que horas são?

Claude olha para o relógio.

Claude – Hora do rosé com toranja.

Charles – Pois então, um rosé com toranja.

Maurice – Aposto que este parasita, que vive das nossas contribuições para a reforma, nem uma ronda paga.

Charles – O que tenho de ouvir! Como se as vossas contribuições chegassem para pagar a minha reforma!

Claude – Então, como vai ser?

Charles, a contragosto, tira uma nota grande do bolso.

Charles – Suponho que não tem troco para uma nota de quinhentos euros…

Claude – Tenho, sim.

Charles – Então sirva uma ronda a estes fósseis. Pode ser que os faça ressuscitar.

Claude – Ou que os acabe de matar. Muito bem, rosé com toranja para todos.

Claude recebe a nota e afasta-se. Charles senta-se com os outros. Dominique põe-se a ler o jornal regional.

Maurice – Não estás com boa cara. Outro problema doméstico?

Charles – É a minha piscina.

René – O que é que se passa com a tua piscina?

Charles – Está a perder água.

Dominique – Como é que uma piscina pode perder água?

Charles – Pois não sei, justamente.

René – E como descobriste que a tua piscina tinha uma fuga?

Charles – Esta manhã ia dar o meu mergulho habitual e a piscina estava completamente vazia.

Dominique – Ainda bem que reparaste antes de te atirares.

Maurice – Uma piscina é como uma amante: dá imenso trabalho para tão pouco uso.

Dominique levanta o jornal.

Dominique – Já leram isto? Belacon-le-Château chegou à final do concurso da Aldeia Mais Bonita de França!

Maurice – Ainda não está decidido.

Dominique – Dois inspetores vêm hoje cá avaliar a aldeia antes de o júri anunciar o vencedor.

Charles – É verdade que se vive bem neste pequeno paraíso. Até há uns meses, quando abria a janela de manhã, em vez de ar da Provença respirava os gases do periférico de Paris.

Claude volta com os copos e pousa-os na mesa.

Claude – Aqui têm...

Charles – Nota-se um cheiro estranho, não?

René – Sim, a peixe podre.

Claude – Estás a falar de mim?

René – São os refluxos gástricos do Maurice. Tens razão, devias deixar a toranja.

Dominique – É dos esgotos. Basta chover um pouco e transbordam logo.

Charles – Mas já não chove há pelo menos um mês!

Dominique – Então vamos ter de parar de tomar banho. Pelo menos até os inspetores irem embora.

Claude – E é melhor não puxar o autoclismo…

Claude entra no café.

Charles – Ora essa, a Madame Claude… É autêntica, não é?

Maurice – Sem dúvida. Quem visita Belacon tem de passar por aqui.

René – Até aparece num guia turístico. Na secção «Vale mesmo a pena o desvio».

Charles – E com um nome daqueles, «Madame Claude»… Mais parece uma patroa de bordel do que uma dona de bar.

Os três trocam um sorriso cúmplice.

Maurice – És mesmo ingénuo, Charles…

Dominique – Nota-se que ainda és novo aqui.

René – Ainda não descobriste todos os encantos da nossa pequena aldeia.

Charles – Não?

René – Digamos que está quase reformada, como o coronel.

Maurice – Mas, se for preciso, também ela volta ao serviço ativo.

Riem-se. Claude regressa para limpar uma mesa. Ficam imediatamente sérios. Claude lança-lhes um olhar desconfiado e vai-se embora. Eles brindam e esvaziam os copos.

Charles – Acham que já está tudo decidido?

Maurice – Belacon-le-Château é uma aldeia lindíssima, isso é certo.

Charles – Referia-me às eleições municipais.

Maurice – Ah, isso...

René – Vamos deixar que a Aldeia Mais Bonita de França eleja um presidente da Frente Populista?

Dominique – Deus não permitirá…

Charles – Frente Populista, disseste?

René – A Frente de Esquerda e a Frente de Direita resolveram concorrer juntas.

Dominique – No fundo, já tinham o mesmo programa, os mesmos discursos e os mesmos eleitores.

Maurice – E quase o mesmo nome.

René *(solene)* – Temos de impedir semelhante vergonha! Enquanto eu for vivo, Belacon não cairá nas mãos dos dois extremos que resolveram juntar-se!

Dominique – Por outro lado, votar no outro aldrabão…

Charles – Quem?

Dominique – Jacques Regador, o presidente cessante da câmara.

Charles – Regador…

René – Um apelido feito à medida.

Dominique – Há anos que anda a regar toda a gente com favores. Por isso nunca mais o tiram de lá.

Maurice – E não subestimem o JR. Passou pela Central…

Charles – Pela famosa escola francesa de engenharia?

Dominique – Não. Pela prisão central.

Charles – Ah, está bem.

René – Vocês estão com o presidente da câmara ou com a baronesa?

Charles – A baronesa?

René – A candidata da Frente Populista.

Maurice – Uf, prefiro esperar para ver.

Dominique – Fazes bem. O meu avô escolheu um lado demasiado cedo e acabou rapado a pente zero depois da Libertação.

René – O teu avô andou metido com um soldado alemão?

Maurice – A ocupação foi um período bastante confuso na história de França.

René – E não necessariamente dos mais gloriosos.

Bernadette, uma jovem vestida de forma provocante, aparece para limpar as mesas.

Dominique – Ora, se não é a Bernadette, filha da Francine!

Todos os olhares masculinos se fixam nela.

Maurice – Bernadette, o que estás a fazer neste antro de perdição?

René – Foi o melhor emprego de verão que arranjaste? Pensava que querias ser atriz.

Bernadette – É precisamente por isso. O meu agente arranjou-me um papelinho numa série passada em Marselha. Vou fazer de empregada de mesa num bar.

René – E por isso mandou-te estagiar com a Madame Claude?

Bernadette – Nada disso. Estou a preparar a personagem.

Dominique – Ah, percebo…

Bernadette – É o método do Actors Studio. Para entrar na pele de uma personagem, temos de viver como ela.

Maurice – Ainda bem que não vais fazer de uma…

Bernadette – De uma quê?

Bernadette começa a recolher os copos, inclinando-se de forma sugestiva sobre a mesa.

René – De freira, por exemplo. Imagina teres de passar um verão num convento para preparar o papel. A tua mãe não havia de achar graça…

Maurice – Nem a madre superiora, já agora.

Mario entra. É um mecânico atraente, de macacão manchado de óleo.

Charles – Ora viva, Mario! (*Para os outros*) É o meu mecânico…

Ao ver Mario, Bernadette derruba a bandeja.

René – Vais ter de trabalhar um pouco mais na tua personagem. Ainda não a tens dominada.

Charles – Então, meu caro, já está pronto o meu BMW?

Mario *(sentando-se à parte)* – Quase, senhor Charles. Ainda estou à espera de uma peça. *(A Bernadette)* Para mim é um café.

Bernadette – Já trago…

Bernadette entra no bar.

Charles – É um excelente mecânico, segundo dizem. Foi-me recomendado pelo meu notário.

Maurice – O teu notário?

Charles – Trabalha a negro e arranja peças em segunda mão a preços imbatíveis. Não sei como faz…

René (*irónico*) – Sim, eu também não…

Charles – Conhecem-no?

Dominique – O Super Mario? Quem é que não conhece o Super Mario?

Mario lança-lhes um olhar ameaçador, e eles desistem de fazer mais comentários. Bernadette volta com o café de Mario.

Mario – Obrigado.

Bernadette sorri-lhe, nervosa. Claude sai do bar e observa a interação entre Mario e Bernadette.

René – Bernadette, trazes-nos mais uma ronda? Por conta dos anjos, claro.

Claude – Os anjos não dão crédito.

Maurice – Já estava a ver…

Claude – Bernadette, vai antes ensaiar o teu papel para a cozinha. O lava-loiça está cheio de pratos.

Bernadette entra no bar, seguida por Claude.

Charles – A Parte dos Anjos… Que nome é esse, afinal?

Mario – Nota-se que não é daqui…

Charles – Não se lhe escapa nada. Sou de Paris.

Mario – Quando o vinho envelhece num barril, uma parte evapora-se. Como ninguém sabe para onde vai, chama-se-lhe a «parte dos anjos».

René – Aplica-se também à política, aliás.

Charles – À política?

Maurice – É o dinheiro que se evapora quando a política começa a fermentar depois das eleições. Foi exatamente o que aconteceu à anterior equipa da câmara…

Dominique – Tal e qual como a tua piscina, Charles. Vês que falta líquido, mas não sabes para onde foi.

René – A parte dos anjos… Está visto que não se perde para toda a gente.

Maurice – Vamos lá, a nossa vamos bebê-la já.

René – Antes que evapore.

Depois de esvaziarem os copos, surge a baronesa de Carlsberg-Kronenbourg, uma mulher imponente, exageradamente maquilhada e vestida de forma extravagante. A baronesa pode ser interpretada por um homem, nomeadamente pelo intérprete do presidente da câmara.

Dominique – Olhem, aí vem a baronesa.

Charles – A famosa baronesa de Carlsberg-Kronenbourg… É mesmo nobre ou ganhou o título pelos barris de cerveja que bebe?

Dominique – A baronesa pertence a uma das famílias mais antigas da Bélgica. Dizem que até é aparentada com o rei.

Maurice – Com que rei?

René – O rei da cerveja, talvez.

Baronesa – Ah, querido Mario, obrigada pela minha Twingo. Desde que lhe trocou o motor, parece que conduzo um Jaguar.

Maurice – Quem sabe. Talvez lhe tenha posto um motor de Jaguar. Se era a única peça que lhe tinham entregue nesse dia…

Baronesa – Passe pelo castelo para receber o pagamento. Em dinheiro, como combinado...

Mario – Perfeito, Madame la Baronesa.

Baronesa – Não terão visto a minha cadelinha por acaso?

Charles – Não sei. Como é ela?

René – Como um porco, mas mais pequeno. Até tem o rabo em forma de saca-rolhas.

Maurice – Então, Madame la Baronesa, continua em campanha?

Baronesa – Mais do que nunca! Aqui têm o meu programa, para não dizerem que não foram avisados…

A baronesa distribui alguns folhetos pelos presentes e também a Claude, que chega para tomar nota.

Claude *(a ler)* – «Vote Kronenbourg.» Este slogan é capaz de convencer muita gente. O que vai beber, Madame la Baronesa?

Baronesa – Sirva-me uma imperial.

Claude – Carlsberg? Heineken? *(A baronesa fulmina-a com o olhar.)* Estou a brincar.

Claude vai-se embora.

Baronesa – Não podemos permitir que reelejam aquele presidente da câmara com um balanço tão desastroso! Veja-se a segurança: uma mulher decente já não pode sair sozinha à rua depois das seis sem receber todo o tipo de propostas…

Dominique – Já lhe fizeram propostas? A mim nunca…

Baronesa – E a limpeza? Sentem o cheiro que esta câmara corrupta nos deixa de herança? Os esgotos transbordam, os ratos passeiam-se à vontade e o presidente não faz nada!

Maurice – Sem falar dos problemas de estacionamento...

Baronesa – Aqui estaciona-se onde apetece! Até já vi pessoas com deficiência fora dos lugares reservados! E o que faz a câmara? Nada!

Dominique – É preciso combater as incivilidades, sem dúvida.

Baronesa – Se for eleita, mando pôr câmaras com laser em todas as ruas.

Dominique – Laser? Para visão noturna?

Baronesa – Para desintegrar os infratores imediatamente! Comigo é tolerância zero!

Charles – Isso é bastante radical, para dizer o mínimo...

Baronesa – Digam-me lá se ainda estamos em França…

René – Mas a senhora é belga, não é?

Claude volta com a imperial da baronesa.

Baronesa – Uma baronesa belga sente-se em casa onde houver cerveja, batatas fritas e um castelo. Refiro-me àquela gente de fora que anda por aí de rastas. *(A Mario)* Não é consigo, Mario. Trabalha sem declarar, mas pelo menos trabalha. Então, ninguém viu a minha cadelinha?

Claude – Não se preocupe. Talvez tenha voltado sozinha ao castelo. Conhece o caminho.

René – E além disso, quem gostaria de roubar uma cadela que parece um porco...?

Maurice – Siga-lhe o rasto. A sua cadela deve ter deixado provas pelo caminho. E não me refiro a impressões digitais.

René – Sempre me espantou isto: como é que uma cadela do tamanho de um leitão consegue deixar tanta porcaria?

Baronesa – Tem razão, vou procurar por ali... Antoinette! Antoinette!

Charles – A sua cadela chama-se Antoinette?

René – Antoinette é só a alcunha. O nome completo é Marie-Antoinette.

A baronesa sai de cena.

Charles – Mas quem é esta baronesa, afinal?

Maurice – Pelo que sabemos, veio da Valónia como refugiada fiscal. E ainda pediu e obteve a nacionalidade francesa.

René – É preciso ser muito belga para pedir asilo em França por razões fiscais...

Charles – Há muitos belgas por aqui?

Dominique – Há terras famosas pelas trufas. A nossa é famosa pelos belgas.

René – Foi ela quem comprou o castelo de Belacon.

Dominique – A câmara exerceu o direito de preferência para me impedir de comprar o castelo. No dia seguinte, vendeu-o à baronesa.

Charles – Baronesa e proprietária de castelo... E é ela quem representa a Frente Populista?

Dominique – É uma monárquica de esquerda, aparentemente.

Charles – Acho que ainda não percebi todas as subtilezas da política local...

Mario – Isto é o sul, Monsieur Charles... O sul.

Mario, que quase tinham esquecido, levanta-se para sair, e todos os olhares se voltam para ele.

René – Em Belacon-le-Château só há duas classes: metade paga imposto sobre grandes fortunas e a outra metade vive de apoios sociais.

Maurice – O que simboliza perfeitamente o espírito de abertura e fraternidade da nossa encantadora aldeia, para lá de todas as diferenças.

René – Mas, claro, às vezes isso gera certas tensões...

Dominique – Olhem para esta notícia: pancadaria à saída de um concerto de rock em Belacon. Por mim, proibiam-se os concertos de rock.

Maurice – É verdade que é muito raro haver distúrbios à saída de um concerto de música clássica.

Bernadette regressa e cruza o olhar com Mario, prestes a sair. Num movimento melodramático quase em câmara lenta, ao som de música romântica, os dois aproximam-se e beijam-se apaixonadamente. Os outros ficam pasmados.

Dominique – Acham que ela ainda está a ensaiar o papel para a série?

René – Isto já parece A Bela e o Monstro…

A baronesa regressa, alarmada. Mario e Bernadette saem juntos.

Baronesa – Raptaram a minha cadela!

Maurice – Talvez tenha sido o canil.

Baronesa – Encontrei um envelope no correio… com uma orelha da Antoinette!

Claude – Uma orelha? Tal e qual como Van Gogh!

Dominique – Van Gogh nunca foi raptado, pois não?

Maurice – Convenhamos que era pouco provável a cadela cortar a própria orelha e depois enviá-la pelo correio.

René – Um pintor ainda vá, mas um cão?

Baronesa – É um rapto, estou a dizer! A carta exige que desista das eleições.

Charles – A sério?

Baronesa – A equipa do presidente da câmara cessante tenta atacar-me através do ser que mais amo neste mundo: a minha cadela!

Maurice – Aposto que é uma partida de mau gosto. No meu tempo de estudante de Medicina, fazíamos coisas dessas. Uma vez, deixámos no cacifo de um professor…

Dominique (*interrompendo-o)* – Tem a certeza de que é mesmo a orelha da sua cadela?

Baronesa – Querem calar-me! Mas não vou desistir de salvar a democracia local. Irei até ao fim, custe o que custar. *(Teatralmente)* Dou a minha vida por Belacon-le-Château!

A baronesa sai de cena. René, Maurice, Dominique e Charles permanecem em silêncio por um momento.

Dominique – Acham que este rapto poderia ter sido ordenado pelo presidente da câmara?

Os outros parecem perplexos. Francine, uma burguesa distinta, chega.

Francine – Bom dia, bom dia.

René – Bom dia, Francine! E o Bertrand, não vem consigo?

Francine – Eh… não.

René – Que desperdício! Com uma mulher tão bonita, eu não a deixava sair sozinha, nem de dia.

Claude chega para tomar nota.

Claude – O que vai ser?

Dominique – Como estás, Francine? A Bernadette saiu há pouco daqui com um homem. Não te cruzaste com ela?

Francine – Não. Que calor...

René – Conheces o Charles, certo?

Charles – Ainda não tive o prazer de conhecer Madame. Tenho a certeza de que me lembraria...

Troca de olhares amáveis entre Charles e Francine, que sorri ao elogio.

René *(apresentando-os)* – Francine de la Chatelière, Charles Benamou. Faziam um belo par: o charme discreto da burguesia de província arruinada e a riqueza espalhafatosa de um novo-rico parisiense.

Maurice – O Charles tem ar condicionado e uma piscina que lhe custa mais caro do que uma amante.

Francine – Isso é porque ainda não encontrou uma amante que realmente valha a pena.

Charles e Francine trocam outro olhar cúmplice.

Claude *(mais alto)* – O que é que vai ser?

Francine – Muito prazer, Charles. Acabaste de te instalar na nossa encantadora aldeia?

Charles – Sim, sou novo por aqui…

Claude – O que vai ser?

René – Apesar das aparências, o Charles é um homem de bom gosto. Gosta das minhas pinturas. É um amigo das artes e um mecenas generoso.

Charles – Digamos antes um colecionador e investidor...

Claude *(aos gritos)* – O QUE É QUE VAI SER?!

Todos ficam desconcertados.

Francine – Eu… Vou querer um chá. Que tipos de chá tem?

Claude – Chá de saqueta.

Francine – Bom, então um chá. Com uma rodela de limão, por favor.

Claude entra no bar. O telemóvel de Francine toca, e ela atende a chamada.

Francine – Sim, bom dia, Francine de la Chatelière. Liguei antes por… (*Para os outros*) Desculpem um momento...

Francine entra no bar para falar em privado.

Maurice – Tenho más notícias. Confidenciais, naturalmente. Vou contá-las sob segredo médico…

Dominique – Seremos discretos como um túmulo.

Maurice – O marido da Francine teve um AVC.

René – O Bertrand? Quando aconteceu?

Maurice – Está no hospital desde ontem à noite.

Dominique – Se o marido morrer, não acho que ela vá ficar muito tempo sozinha naquela casa tão grande com a filha...

Maurice – O Bertrand já mal conseguia sustentá-la. A casa, quero eu dizer. Embora a mulher também não lhe saísse barata…

René – Estás interessado em comprar uma casa?

Dominique – Talvez… (*Para Maurice*) Foi grave o AVC?

Maurice – Um acidente vascular nunca é coisa pouca.

Charles – Em todo o caso, é verdade que ela faria uma viúva muito elegante...

René – Lembro-te que tu também és casado.

Dominique – Tem jardim, não é?

Charles – Sim, não muito grande, mas um jardim bonito.

René – Casas com jardim no centro são muito raras.

Maurice – Eu também me interessaria, se o preço fosse razoável...

Dominique – Ah não! Já me ganharam o castelo...

Francine regressa.

Dominique – Está tudo bem?

Francine – Alguns problemas de família...

Dominique – Sim, estamos a par.

Francine – Ah, sim? (*Maurice lança um olhar reprovador a Dominique*.) Acha que é grave, doutor?

Maurice – Bem… Não tenho o processo. Depende de quão rápido o atenderam...

Francine – Não falava do Bertrand. Já telefonei para o hospital. Parece que vai recuperar, apenas com a cara um bocadinho torta.

Dominique – Ainda bem.

Francine – Não, falava da minha filha. Diz que lhe aparece a Virgem.

René – A Virgem?

Francine – Sim, a Virgem. A Virgem Maria!

Claude chega com o chá e põe-o na mesa.

Claude – A Bernadette vê a Virgem?

Francine – Acha que ela devia ir ao médico, doutor?

Maurice – Bem…

Francine – E sobre o concurso, também não sei o que fazer. O que acha?

Maurice – Que concurso?

Francine – A Bernadette concorre ao título de Miss Provença. Acha que devemos pôr na candidatura que lhe aparece a Virgem?

René – Talvez seja uma vantagem, sim.

Maurice – Se não ganharmos o concurso da aldeia mais bonita de França, fazemos de Belacon um lugar de peregrinação. Também dá dinheiro.

Entram Ramírez e Sánchez, vestidos como os Blues Brothers.

Dominique – Quem são estes dois palhaços? Nunca os vimos por aqui...

René – Talvez sejam os dois membros do júri do concurso...

Francine – Ao concurso de Miss Provença?

Dominique – Do concurso da aldeia mais bonita de França!

Maurice – Devem estar aqui incógnitos...

Ramírez e Sánchez sentam-se a uma mesa.

Dominique – Bom dia, senhores. Sejam bem-vindos à nossa encantadora aldeia. Tenho a certeza de que a dona deste modesto estabelecimento terá o prazer de vos oferecer uma bebida de boas-vindas.

Claude lança-lhe um olhar fulminante. Os dois homens olham-se desconfiados antes de decidir.

Ramírez – Bem, por que não?

René – É tradição. Belacon-le-Château é famosa pela hospitalidade.

Claude – Pois bem… Um rosé com toranja, como os outros?

Sánchez – Nunca durante o serviço.

Ramírez – Uma vez não são vezes. Vamos abrir uma exceção para não sermos mal-educados. Um rosé para mim, um sumo de toranja para o meu ajudante.

Sánchez parece incomodado.

Maurice – Vão descobrir todos os tesouros que esta aldeia esconde, além da amabilidade natural dos seus habitantes.

René – Até os belgas vêm para cá, atraídos pelo clima ameno e pelos impostos igualmente suaves.

Maurice – Belacon sempre recebeu de braços abertos outras culturas. Desde que não sejam muito diferentes da nossa…

Claude serve as bebidas.

Ramírez – Obrigado!

Sánchez – É uma receção que sabe bem. Na nossa profissão, não temos propriamente uma multidão de amigos.

Charles – Então, por onde vão começar a visita? Pelo castelo?

Ramírez – Oh, sabe como é, estamos apenas no início da nossa investigação.

Chega Marcelle, uma executiva dinâmica, com o telemóvel colado ao ouvido.

Marcelle – Sim... Sim, senhor presidente... Muito bem, senhor presidente...

Maurice – E se quiserem comprar uma casa de férias, falem com a Marcelle. Além de notária e primeira adjunta do presidente, é sempre a primeira a saber dos bons negócios imobiliários.

Dominique – De facto, também é quem concede as licenças de construção...

René – É muito prático. A nossa câmara inventou o atendimento único antes de toda a gente…

Charles – Se quiserem, a Marcelle até vos arranja um canalizador honesto ou um mecânico que trabalha sem passar fatura.

Marcelle guarda o telemóvel.

Marcelle – Já conheceram os novos agentes da polícia municipal, contratados pela câmara para garantir a tranquilidade dos habitantes?

René – Uma polícia municipal?

Ramírez – Sou o chefe Ramírez. Este é o meu ajudante Sánchez.

Marcelle – Dois excelentes profissionais. Eram agentes da Polícia Nacional, mas tiveram de sair depois de um pequeno incidente…

Sánchez – Estamos a investigar o desaparecimento do cão da baronesa.

Ramírez – Sem descartar a possibilidade de que tenha sido ela própria a organizar o desaparecimento para desacreditar o presidente da câmara cessante...

O telemóvel de Sánchez toca, e ele atende.

Sánchez – Sim... Não? Afirmativo... Transmito. *(Guarda o telemóvel.)* A baronesa acaba de receber pelo correio a outra orelha e a cauda da cadela.

Marcelle – Meu Deus, que horror!

Ramírez – Duas orelhas e um rabo, já é demais.

Dominique – Pobre Antoinette. Se continuarem assim, ainda lhe cortam a cabeça.

Marcelle – Não vos maço mais. Esta pobre cadela também merece a proteção da nossa polícia municipal. Os senhores são a nossa linha da frente.

Ramírez – Pode contar connosco, senhora primeira adjunta.

Marcelle – Ah, aqui está o senhor presidente da câmara.

Chega Jacques Regador com estilo de cowboy: mocassins, chapéu Stetson e óculos Ray-Ban. Pode ser o mesmo ator que interpreta a baronesa.

Presidente – Bom dia. *(A Ramírez e Sánchez)* Ainda não tivemos o prazer de nos conhecer. Sou Jacques Regador, o presidente desta pacata aldeia. Mas podem tratar-me por JR.

Ramírez – Os meus respeitos, senhor presidente. Sánchez, não acaba o seu sumo de toranja?

Sánchez – Sim, sim...

Ramírez e Sánchez vão-se embora.

Presidente – Madame Claude, sirva mais uma ronda a estes senhores. Ponha na minha conta pessoal.

Claude – Quer dizer na conta da câmara?

Presidente – Quando se é presidente da câmara, é-se presidente vinte e quatro horas por dia. Não há vida privada. Como podia a minha conta ser privada, se sou o presidente? Amigos, conto com os vossos votos, não conto?

Charles – Depende... Qual é o seu programa?

Presidente – Ainda não é de cá, pois não? Um bom candidato não precisa de programa. Tal como um bom general não precisa de mapa. Não é verdade, coronel? Um bom presidente sabe sempre o que fazer.

Dominique – Claro, senhor presidente.

Presidente – E sabem que podem contar comigo. Não fui eu que levei Belacon à final do concurso da Aldeia Mais Bonita de França?

René – Mas a eleição ainda não está decidida.

Presidente – Votem em Jacques Regador e a vitória é certa. O júri reúne-se num hotel da Côte d'Azur que conheço muito bem. Não é verdade, Madame Claude? Um júri é como um jardim: se o regarmos bem, dá bons resultados. Bem, o dever chama-me.

Sai.

Maurice – Parece que tem pressa.

Marcelle – Também tenho de ir à câmara. Imaginem: vou celebrar o meu primeiro casamento entre duas pessoas do mesmo sexo…

René – O presidente não quis ocupar-se disso pessoalmente?

Charles – Mau ponto para ele. Pessoalmente, nunca votaria num candidato que não se comprometesse a respeitar os direitos de todas as minorias.

Marcelle – Sim, sim... Não, não... Posso garantir que o vosso presidente da câmara é completamente a favor do casamento para todos.

Charles – Então?

Marcelle – Digamos que... surgiu um pequeno impedimento.

Charles – Pois, é sempre essa a desculpa.

Marcelle – Pequeno, não. Bastante sério. *(Baixando a voz)* Tem de ir assinar na esquadra, por ordem do juiz. Bem, vou andando. O amor não espera.

Marcelle sai.

Charles – Acham que o Regador ainda tem hipóteses de ganhar?

Maurice – Se não voltar para a prisão antes das eleições.

Charles – De que é acusado, exatamente?

Dominique – Corrupção passiva, como agora lhe chamam. Dantes dizia-se simplesmente receber luvas.

René – Tira a parte dos anjos diretamente da fonte…

Ouve-se um barulho de pneus seguido de um som de colisão.

Dominique – Aqui conduzem todos como loucos. Esta região da Provença bate recordes de acidentes de viação.

Maurice – Mais um acidente na Avenida dos Plátanos, provavelmente. Apesar da linha contínua.

René – As únicas linhas contínuas que os jovens daqui respeitam são as da cocaína.

O telemóvel de Maurice toca.

Maurice – Sim? Não! Sim, sim… Bom, já vou…

Dominique – Não é sobre o Bertrand, pois não? Estamos todos muito preocupados com a saúde dele...

Maurice – É sobre a baronesa.

René – A baronesa?

Maurice – Acabou de sofrer um acidente de carro...

Dominique – Grave?

Maurice – Segundo o nosso novo xerife e o seu ajudante, do amontoado de chapa retorcida só se via a mala de mão da baronesa.

Francine – Meu Deus! Com tantos loucos ao volante... Tenho sempre medo pela minha filha quando está na estrada. Espero que, ao menos, a Virgem a proteja...

Maurice – Bem, tenho de ir... Estão à minha espera para assinar a certidão de óbito.

Dominique – Já? Bem, não perdem tempo.

Maurice sai de cena.

Claude – No final, baronesa ou não, somos todos pouca coisa...

Claude volta para dentro do bar.

René – Charles, já imagino a resposta, mas não me emprestas uns euros para uma coroa de flores para a baronesa?

Charles – Se já sabes a resposta, para quê perguntar...

René – Bem, se não houver outra opção... Vou ter de ir trabalhar um pouco, então.

Charles – Isso mesmo, força...

Francine – Bom, tenho de ir visitar o meu marido no hospital, ver se precisa de meias limpas ou algo assim...

Dominique – Se não te importas, acompanho-te. Assim posso ter uma ideia do estado de saúde dele. Já te disse que estou à procura de uma casa para comprar em Belacon? Com jardim, de preferência...

Charles – Também vou. Tenho de tratar da fuga de água… E ainda não votei.

René e Charles saem por um lado, Dominique e Francine por outro. Ramírez regressa com Marcelle.

Marcelle – Um caso complicado...

Ramírez – Conseguiu contactar o presidente da câmara para informá-lo?

Marcelle – Ainda não. O telemóvel dele não atende.

Ramírez – Seguramente é só mais um acidente de trânsito, mas, claro, não poderemos evitar que as más línguas digam que a sorte está do lado do presidente cessante...

Marcelle – É evidente que se livra a bom preço da sua rival nas eleições...

Ramírez – Acha que a baronesa pode ter sido assassinada, como a princesa Diana?

Marcelle – Em qualquer caso, quando chegar o momento do funeral, esta morte súbita vai parecer suspeita... É melhor resolver este caso rapidamente, Ramírez, se quiser manter o seu posto de xerife em Belacon-le-Château.

Ramírez – O médico legista está a fazer a autópsia dos restos humanos encontrados incrustados no motor daquele Jaguar...

Marcelle – Um Jaguar? Mas o carro da baronesa era um Twingo.

Ramírez – Pois, mas o motor era de um Jaguar. E acredite, seis cilindros em V a toda a força deixam qualquer um em muito mau estado.

Marcelle – Mas alguém deve tê-la identificado, não? Não sei, ela tinha filhos?

Ramírez – É como pedir a um bezerro que identifique a mãe num monte de hambúrgueres.

Francine regressa, e Marcelle interpela-a.

Marcelle – Francine, estive a pensar na sua filha Bernadette. Se fizéssemos de Belacon um lugar de peregrinação como Lourdes, seria ótimo para os comerciantes, que são a base dos nossos eleitores.

Francine – Acha mesmo? Não gostaria de traumatizar a minha pobre filha. Mas, se é bom para o comércio...

Marcelle – Teríamos de enviar ao Vaticano um processo sério sobre as aparições… Desculpe perguntar, Francine, mas tem a certeza de que a Bernadette não se droga?

Francine – Acho que não… Fumo às vezes um charro com ela, para não parecer antiquada, mas alucinogénios, garanto-lhe que não.

Marcelle – E... ela não tem uma certa tendência para a mitomania?

Francine – Está a insinuar que a minha filha é uma mentirosa? Concordo que não é batizada, mas estuda num colégio católico.

Marcelle – Sabe como são os jovens. Pensam que viram a Virgem e afinal era a Madonna num vídeo. Mas onde é que a viu?

Francine – No iPhone dela.

Marcelle – No iPhone?

Francine – Estava no TikTok, e de repente apareceu-lhe a Virgem a ocupar o ecrã inteiro.

Marcelle – Uma aparição pela Internet? Não sei se o Vaticano aceita. E se for um vírus informático? O que acha, Ramírez?

Ramírez – Precisamos de uma descrição rigorosa. Fazemos um retrato-robô e mostramos ao padre. Quem melhor do que ele para reconhecer uma Virgem na Internet?

Marcelle – Bom, talvez seja melhor esperar um pouco. Parece que o padre era muito próximo da baronesa... Já me entende. Deve estar muito abalado com o desaparecimento dela.

Ramírez – Tranquila, agiremos com tato.

Marcelle – E a sua filha não faz milagres, por acaso?

Francine – Na escola, com certeza que não... Porquê? É absolutamente necessário?

Marcelle – Era preferível. Uma santa sem milagres é como um médico que não passa baixas: serve para quê?

Sánchez entra acompanhado de Maurice, de bata branca manchada de sangue.

Ramírez – Ah, aqui está o médico legista. Pode dar-nos as primeiras conclusões da autópsia...

Marcelle – Maurice?

Ramírez – O médico-legista oficial foi de férias para as Canárias, por isso requisitámos o médico da aldeia. Ao menos fica tudo em família.

Francine – Tenho de regressar ao hospital. O meu marido teve outro AVC. Os médicos disseram que o terceiro poderá ser o último…

Marcelle – Não quero insistir muito, mas se a sua filha Bernadette pudesse ir também... Nunca se sabe, um milagre é sempre possível.

Francine – Não quero criar falsas esperanças. Ele já está paralisado do lado direito.

Marcelle – Bastaria um pequeno milagre...

Francine – Vou ver o que posso fazer.

Sánchez – O doutor tem algo a dizer-vos, e aviso já que é forte...

Marcelle – Estamos a ouvi-lo, doutor. Fale sem receios.

Maurice *(a Francine)* – Normalmente isto é segredo médico, mas já que estamos todos à procura da verdade… A tua filha está grávida.

Marcelle – O que é que isso tem a ver com a investigação?

Maurice – Ah… Não era isso que queriam saber?

Sánchez – Referia-me às análises feitas à vítima deste acidente...

Francine – Mas quem é o pai?

Marcelle – Talvez a investigação também descubra isso. Agora, se nos dá licença, Francine, este caso está sob segredo de Estado…

Francine sai. Todos olham para Maurice.

Marcelle – Então, e agora?

Maurice – Ah, sim, desculpem. Havia um único corpo dentro do carro. Fiz as análises e não restam dúvidas: não era humano.

Marcelle – Não me diga que havia um extraterrestre ao volante do carro da baronesa. Aqui, os únicos invasores não vêm de Marte nem de Vénus…

Maurice – Não se preocupe, não era uma criatura extraterrestre. O que quero dizer é que… a vítima do acidente era um cão.

Ramírez – Um cão? Mas os cães não sabem conduzir!

Sánchez – Talvez seja por isso que se deu o acidente.

Ramírez – Que caso estranho… Identificou o cão, Sánchez?

Sánchez – Já consultei os ficheiros, chefe. Não é um cão com cadastro.

Marcelle – Acha que pode ser o cão da baronesa?

Sánchez – Não me parece. Aquele tinha as duas orelhas e o rabo.

Ramírez – Enquanto que as orelhas e a cauda do cão da baronesa chegaram pelo correio.

Marcelle – Acompanhem-me lá para dentro, preciso de uma bebida.

Ramírez – Eu também. *(Sánchez prepara-se para os acompanhar.)* Sánchez, veja com o médico se descobre a quem pertencia o cão. Não levava cinto de segurança, mas talvez tivesse coleira.

Sánchez sai com Maurice. Ramírez e Marcelle entram no bistrot. Chegam René e Charles; René traz um quadro debaixo do braço.

René – Charles, já acabei o teu quadro.

Charles – Já?

René – Foi uma iluminação. Como se a Virgem me tivesse aparecido…

Charles *(olhando para o quadro, que representa a Virgem com o Menino)* – Mas não foi isto que encomendei!

René – Não, mas é muito melhor!

Charles (*examinando novamente*) – É verdade que é a tua melhor obra em muito tempo. Mas normalmente os temas religiosos não são o teu forte...

René – Talvez seja a idade… Estou a tornar-me mais místico.

Charles – E quanto ao tamanho, não sei se cabe por cima da minha lareira...

René – Ficas com ele ou não? É um original, não uma cópia! E como pintei tão poucos quadros na vida, este vai valer uma fortuna quando eu morrer. O que é raro sai caro.

Charles – Está bem, fico com ele.

Charles prepara-se para sair com o quadro.

René – E o meu dinheiro?

Charles – Faço-te um cheque?

René – Preferia em dinheiro...

Charles – Nesse caso, tenho de passar pelo banco.

René – De acordo, conto contigo. E acredita, estás a fazer um bom investimento.

Charles sai. Dominique regressa.

René – Então, como está o Bertrand?

Dominique – Melhor, infelizmente.

René – Queres dizer felizmente, imagino...

Dominique – Não foi isso que eu disse?

René – Então vais ter de procurar outra casa para comprar...

Dominique – Por falar nisso, sabias que a baronesa vendeu o castelo em troca de uma renda vitalícia?

René – Não, quem te disse isso?

Dominique – A notária dela.

René – Marcelle?

Dominique – Com renda vitalícia, percebes?

René – Mas a quem?

Dominique – Marcelle não me quis dizer. Alega segredo profissional. Mas, depois da morte da baronesa, convém perguntar a quem aproveita o crime. Já votaste?

René – Ainda não. Acompanho-te.

Saem. Ramírez e Marcelle saem do bar.

Marcelle – O presidente da câmara ainda não voltou do controlo judicial. Começo a preocupar-me...

Ramírez – Talvez tenham decidido ficar com ele.

Sánchez chega.

Ramírez – Novidades, Sánchez?

Sánchez – O talhante analisou as orelhas e o rabo que vieram no envelope.

Marcelle – O talhante?

Ramírez – O médico-legista está de férias, o veterinário também. Só nos restou o talhante da aldeia.

Marcelle – E então?

Sánchez – Não há dúvidas: as orelhas e o rabo pertencem a um porco.

Marcelle – Caramba! Então o cão da baronesa era, na verdade, um porco?

Ramírez – Ou então não pertenciam à cadela da baronesa.

Sánchez – Mas esse cão morreu ao volante daquele Twingo equipado com um motor de Jaguar.

Marcelle – Decididamente, este caso está a complicar-se… O que acha, Ramírez?

Ramírez – Talvez o alvo fosse a baronesa e o cão tenha morrido por engano. E se esta tentativa de assassínio nada tivesse a ver com as eleições?

Marcelle – Então o rapto do cão seria apenas uma distração?

Ramírez – Pode ter alguma relação com a venda do castelo em regime de renda vitalícia.

Marcelle – Isso não nos diz onde está a baronesa...

Sánchez – Ou ela morreu no acidente e alguém fez o corpo desaparecer.

Marcelle – Mas porquê?

Sánchez – A menos que o corpo se tenha volatilizado.

Marcelle – Mas como?

Ramírez – Outra pergunta sem resposta...

Sánchez – Esse carro foi o túmulo dela… mas o túmulo está vazio.

O telemóvel de Sánchez toca.

Sánchez – O primeiro testemunho já chegou. Alguém garante ter visto a baronesa num bordel de Marselha.

Marcelle – Então está viva! (*Vira-se para Ramírez.*) Está pensativo, Ramírez. Se tem uma ideia para avançar nesta investigação, este é o momento de partilhá-la...

Ramírez – A história de um túmulo vazio e de alguém que reaparece dias depois não lhe lembra nada?

Marcelle – Bem, não...

Ramírez – A ressurreição de Cristo!

Marcelle – Hmm… Talvez tenha ligação com a Bernadette, que vê a Virgem.

Sánchez – Talvez a baronesa seja uma santa enviada para libertar Belacon dos invasores.

Marcelle – A Donzela de Belacon… Isso dava para vender postais, camisolas e porta-chaves.

Claude – Jesus, ao menos, não reapareceu num bordel…

O telemóvel de Sánchez toca novamente.

Sánchez – Encontraram a baronesa! Foi projetada do carro e ficou presa ao tronco de um plátano, a vários metros do acidente. Por isso não a encontraram logo.

Marcelle – É grave?

Sánchez – O plátano já estava podre. Não resistiu ao choque.

Marcelle – Estou a falar da baronesa!

Sánchez – Ah, claro. Os bombeiros estão a tentar tirá-la de lá. Mas parece que teve o mesmo destino do plátano.

Claude – Ao menos os seus próximos poderão fazer o luto.

Sánchez – É verdade que é muito raro não encontrar o corpo num acidente de viação...

Marcelle consulta o ecrã do telemóvel.

Marcelle – O presidente da câmara continua desaparecido. Mandei uma mensagem ao comissariado onde devia assinar. Acabaram de responder que ele não se apresentou ao controlo judicial...

Claude – Talvez tenha fugido...

Ramírez – Uma fuga voluntária para escapar à justiça? É uma possibilidade...

Ramírez e Marcelle entram no bistrot. Chegam Mario e Bernadette.

Bernadette – Tenho de voltar a trabalhar na minha personagem… Então, o que fazemos?

Mario – Amas-me?

Bernadette – O suficiente para estar grávida. Mas não o suficiente para ter a certeza de que és tu o pai.

Mario – Então vou pedir a tua mão à tua mãe.

Bernadette – A minha mãe quer casar-me com o gerente do banco para ele fechar os olhos aos descobertos dela. Não preferes raptar-me? Era muito mais romântico.

Mario – Não te preocupes, princesa, vou dar-te o lugar que mereces.

Bernadette – Um lugar? Preferia uma joia…

Mario – Tu és a minha joia. O lugar de uma princesa é num castelo, não é?

Eles beijam-se. Mario sai. Bernadette entra no bar. Marcelle sai com Ramírez.

Marcelle – Já chegaram os resultados da primeira volta. O presidente passou à segunda, mas a baronesa vai à frente.

Ramírez – A morte da baronesa volta a abrir caminho ao Regador.

Marcelle – Assim, fica-lhe o caminho livre para a segunda volta.

Ramírez – Se o encontrarmos antes disso…

Marcelle – Caso contrário, a câmara fica sem presidente.

Ramírez – Uma porta aberta para todo o tipo de aventuras...

Chega Charles, visivelmente afetado.

Charles – A minha mulher morreu!

Ramírez – Estava também no carro?

Charles – Esqueci-me de lhe dizer que a piscina tinha uma fuga. Mergulhou de cabeça quando já não havia água.

Ramírez – Lamentamos muito, mas não acha que temos problemas mais graves?

Marcelle – Está em jogo o futuro de Belacon. Que digo eu? O futuro da democracia!

Chega Francine.

Charles – Francine! Que bom vê-la. Imagine que fiquei viúvo…

Francine – Que coincidência! Eu também. O Bertrand engasgou-se com o puré de maçã no hospital.

Marcelle – Depois de tantos AVC, morrer engasgado com puré de maçã… Isso é quase um milagre.

Claude faz uma breve aparição.

Claude – Só vai ser difícil arranjar quem o reconheça oficialmente como milagre.

Marcelle e Ramírez entram no bar. Chega Mario.

Francine – Ah, Mario, terá de passar lá em casa. Tenho uma fuga.

Charles – Como a minha piscina…

Mario – Muito bem, pode contar comigo.

Charles – Mas não sabia que o Mario também fazia canalização.

Francine – Este rapaz serve para tudo. Se não fosse romeno, era o genro perfeito.

Mario – Justamente, queria perguntar-lhe uma coisa...

Charles *(interrompendo-o)* – Bem, vou atirar-me à água… Esperemos que a piscina já tenha água. Francine, está livre esta noite?

Francine – Esta noite e todas as seguintes! Fiquei viúva há uma hora, Charles. É o homem de que eu precisava para tapar o meu descoberto bancário…

Charles e Francine saem. Chega René.

Mario – Trouxeste o meu dinheiro?

René – Terei mais tarde, asseguro-te…

Mario – Eu não vendo fiado. Negócio é negócio.

René – Hoje, prometo-te, espero receber uma grande quantia. Enquanto isso, conto com a tua discrição, claro…

Mario – Se não me pagares até esta noite, conto tudo.

Mario e René saem. Chega Maurice. Marcelle e Ramírez saem do bar.

Maurice – Estava mesmo à vossa procura…

Marcelle – Alguma novidade, doutor?

Maurice – Bem, pode-se dizer que sim.

Marcelle – Estamos a ouvir.

Maurice – Os bombeiros conseguiram retirar o corpo do plátano. Já pude fazer um primeiro exame.

Ramírez – Avance, doutor, diga logo.

Maurice – A vítima tinha as duas orelhas… e também um rabo.

Marcelle – Não estou a perceber, doutor…

Ramírez – Receio que eu esteja a perceber.

Maurice – A baronesa era um barão.

Ramírez – A baronesa de Guinness-Adelscott era um homem disfarçado de mulher?

Marcelle – Ainda bem que morreu, de certa maneira. Imaginem a Aldeia Mais Bonita de França governada por uma baronesa belga que afinal era um barão!

Ramírez – Bom, vamos verificar...

Saem de cena. Entram René e Dominique.

René – Fiquei a saber da morte do marido da Francine…

Dominique – Sim, é muito triste.

René – Achas que a Francine vai pôr a casa à venda?

Dominique – De qualquer forma, vou fazer-lhe uma proposta.

René – E pensar que foste a última pessoa a ver o Bertrand com vida…

Dominique – Sim… Fui eu até quem lhe deu a última refeição.

René – Que, claramente, lhe ficou atravessada…

Dominique – Às vezes, o puré de maçã ainda traz um pedaço de caroço…

Chega Francine, desolada. Claude sai do bar.

Claude – Soubemos do seu marido…

Dominique – Sim, os nossos mais sinceros pêsames.

Francine – Ah, sim, claro…

Dominique – Parece preocupada… Há algo mais?

Francine – Acabei de saber que a minha filha está grávida.

Claude – Uma candidata grávida dificilmente ganha o título de Miss Provença…

Dominique – E também não ajuda a vender a história da jovem vidente aos peregrinos.

Claude – Há dias em que tudo corre mal.

Dominique – E quem é o pai?

Francine – Ela diz que não sabe.

Claude – De certeza que não é o Espírito Santo, em todo caso…

Dominique – Acompanho-te, coitada… Vou aproveitar para ver a casa. Agora vai parecer grande, sem o teu marido.

Francine – Sim… Mas agora que a Bernadette vai ser mãe solteira, vou ter de prever

um quarto para o bebé.

Dominique – Caramba, não tinha pensado nisso. Temos de descobrir quem é o pai dessa criança…

Saem de cena. Claude volta ao bar. Entram Marcelle, Ramírez e Sánchez.

Marcelle – Já nem me atrevo a perguntar se há novidades…

Sánchez – Infelizmente, há.

Ramírez – Os serviços municipais analisaram o ADN do corpo encontrado no tronco do plátano.

Marcelle – E então?

Ramírez – Acho melhor sentar-se.

Marcelle senta-se.

Sánchez – É o ADN do presidente da câmara!

Marcelle *(atordoada)* – Mas como é possível?

Sánchez – Foi o presidente quem estava a conduzir o carro da baronesa e quem morreu no acidente.

Marcelle – Isso não explica porque estava disfarçado de baronesa…

Ramírez – Tem razão. A cada passo que damos nesta investigação, o mistério só aumenta…

Sánchez – Então foi o presidente quem morreu, e não a baronesa.

Marcelle – E será a baronesa quem será nossa presidente, porque o adversário dela na segunda volta faleceu!

Ramírez – A boa notícia é que a baronesa talvez nem sequer fosse um homem.

Marcelle – Mas isso ainda não nos diz onde está…

Saem. Entram René e Charles com o quadro. Claude sai do bistrot.

René – Tens o meu dinheiro?

Charles – Sim, sim, dou-to já.

Claude – Que é esta porcaria?

Charles – É um quadro do René. Vou mandá-lo emoldurar.

René – Porquê? Percebes de pintura?

Claude – No meu ramo conhece-se toda a espécie de gente. A minha avó já tinha uma casa de encontros e recebeu alguns dos maiores pintores do seu tempo.

Charles (*impressionado*) – A sua avó dormiu com os impressionistas?

René – Daqui a pouco vai dizer que é neta do Van Gogh…

Claude examina o quadro.

Claude – Este quadro é do princípio do século.

Charles – De que século?

Claude – Do século XXI é que não.

Charles lança um olhar suspeito a René.

René – Vamos, estás a dizer disparates! Pintei este quadro eu mesmo!

Claude – A única tinta fresca neste quadro é a assinatura do René.

Charles olha para René com desconfiança.

Charles – Queres que mande autenticar?

René – Pronto, comprei esta porcaria ao Mario por cinquenta euros. Nem sei de onde veio.

Charles devolve o quadro.

Charles – Ainda bem que não te tinha pago.

René – Tens a certeza de que não queres ficar com ele? Para a tua lareira é mesmo o tamanho perfeito!

Charles (*com olhar mortal*) – Agradece por eu não te denunciar. Não me surpreenderia se fosse um quadro roubado.

René – De acordo, volto a pintar "A Liberdade Guiando o Povo"...

Charles sai. Chega Mario.

Mario – Tens o meu dinheiro?

René – Não, mas devolvo-te o quadro… O meu comprador desistiu…

René entrega o quadro a Mario e sai.

Claude – Posso dar uma vista de olhos a essa obra-prima em perigo?

Claude entra no bar com o quadro. Marcelle e Ramírez regressam.

Ramírez – E para o presidente da câmara? Já pensaram em prestar-lhe uma última homenagem?

Marcelle – Vamos dar-lhe um funeral oficial. Com sorte, ainda lhe atribuem a Legião de Honra a título póstumo, e esquecem-se dos processos em tribunal.

Ramírez mostra o jornal.

Ramírez – Uma boa notícia no meio de tanta desgraça… Belacon foi eleita a Aldeia Mais Bonita de França!

Marcelle – O júri reuniu-se num hotel de luxo da Côte d'Azur. Ao que parece, Madame Claude e as suas raparigas fizeram da deliberação uma noite inesquecível.

Entra Dominique.

Dominique – Não queria estragar a festa, mas a morte da baronesa também põe sob suspeita quem lhe comprou o castelo em regime de renda vitalícia.

Marcelle – Já disse que a compra foi feita por procuração!

Dominique – Mas recusa-se a revelar a identidade do comprador, certo?

Marcelle – O que está a insinuar?

Dominique – Que pode ter comprado o castelo para si própria…

Marcelle aproxima-se de Dominique, ameaçadora.

Marcelle – Digo-lhe que não foi isso que aconteceu!

Dominique – E, além disso, com o desaparecimento dos dois principais candidatos às municipais…

Marcelle – O que mais?

Dominique – Em caso de novas eleições, a primeira adjunta teria boas hipóteses de se tornar presidente…

Dominique e Marcelle estão prestes a envolver-se numa briga.

Ramírez – Isso dá pelo menos dois possíveis motivos para um crime. *(O telemóvel toca-lhe.)* Desculpem, tenho de atender… Sim? Ah, estou a perceber. Já lhes digo.

Marcelle abandona o confronto com Dominique, ansiosa por ouvir as notícias.

Marcelle – Receio o que me vai dizer…

Ramírez – O departamento de Cultura da câmara comparou o ADN do presidente com o da baronesa. Para confirmar, também comparou os dois passes do teatro.

Marcelle – E então?

Ramírez – O presidente e a baronesa são uma só e a mesma pessoa.

Marcelle – Pode parecer estranho, mas já nada me espanta.

Dominique – Começo a entender…

Marcelle – Eu não entendo nada.

Sánchez – A baronesa não passava de um disfarce do presidente.

Ramírez – Um duplo, por assim dizer.

Marcelle – Jacques Regador e a baronesa? Como o doutor Jekyll e a senhora Hyde?

Ramírez – Como só tinha a baronesa como adversária, o presidente ganhava as eleições sob uma ou outra identidade.

Sánchez – E sob um ou outro rótulo político.

Marcelle – Uma candidatura de união, portanto… De todas as tendências políticas e sexuais.

Ramírez – Infelizmente, o presidente e a baronesa morreram no acidente, já que eram

as duas faces da mesma moeda.

Dominique – E Belacon-le-Château já não tem presidente.

O presidente entra, precedido por Maurice ofegante e seguido por Charles, René e Mario. O presidente está meio travestido de mulher, num estilo desarranjado devido ao acidente.

Maurice – Assinei a certidão de óbito depressa demais. O presidente só tinha perdido os sentidos com o choque.

Presidente – Calma, estou vivo! O vosso presidente está aqui. Já não há perigo.

Dominique – Acho que ainda nos deve algumas explicações.

Presidente – Está bem, admito que passei das marcas. A baronesa de Carlsberg-Kronenbourg era eu.

Charles – Então admite?

Presidente – Inventei a baronesa para reunir os votos da oposição. Ela devia desaparecer entre as duas voltas, deixando-me sozinho na corrida para ser reeleito. Mas, como viram, houve imprevistos…

Dominique – E naquela história da venda com renda vitalícia? Quem comprou o castelo?

Presidente – Foi o Mario.

Todos olham para Mario.

Ramírez – Mario?

Presidente – Mario devia ser apenas o meu testa de ferro. Assim que a baronesa desaparecesse, eu recuperava o castelo.

Ramírez – Um castelo pago com o fruto das suas vigarices, imagino.

Sánchez – Uma ótima maneira de branquear a parte dos anjos.

Marcelle – Mas aconteceu o acidente.

Ramírez – Quem sabe se o carro não foi sabotado. Eliminando o presidente, o Mario ficava com o castelo…

Mario – E é isso que vou fazer. Se tentarem impedir-me, conto tudo aos jornais.

René – Isto dava uma bela comédia de enganos…

Ramírez – Parece-me preferível chegarmos a acordo e encerrarmos o caso.

Sánchez – Mais vale um bom acordo do que um mau julgamento.

Presidente – Não vamos manchar o nome da Aldeia Mais Bonita de França. Afinal, não morreu ninguém.

Marcelle – Muito bem. Então a baronesa é eleita e não se fala mais no assunto.

Presidente – A baronesa? Como assim, a baronesa? Mas o meu plano inicial era fazer

desaparecer a baronesa…

Marcelle – Não abuse da sorte, Regador. Os anúncios fúnebres já saíram, sobretudo o seu.

Maurice – E do que se queixa? Terá um funeral grandioso!

René – Talvez até uma estátua na praça. Como se tivesse morrido como herói na batalha de Verdun!

Dominique – Podemos abrir uma subscrição. Já era muito popular em vida, e os mortos têm sempre a imprensa a favor.

Presidente – Então terei de continuar travestido de baronesa até ao fim dos meus dias?

Maurice – Até ao fim do mandato, em qualquer caso.

Ramírez – Veja pelo lado bom. Assim escapa aos processos judiciais.

Sánchez – É uma espécie de segunda virgindade política.

Presidente – Mas vou ter de mudar de campo político!

Marcelle – Não é a primeira vez que vira a casaca, pois não? Já mudou de sexo, agora mudar de partido não lhe custa nada.

Francine entra por um lado e Bernadette pelo outro.

Francine – Ah, Bernadette, querida!

Bernadette – Mãe, acho que o Mario tem uma coisa para te dizer…

Mario – Minha senhora, venho pedir-lhe a mão da sua filha.

Bernadette – Com alguma sorte, é mesmo o pai do meu filho.

Dominique – A menos que o pai seja algum dos membros do júri do concurso…

Mario – Seja como for, vai ser avó, Francine.

Francine – Avó? Não seja malcriado!

Mario – Faça notar que agora sou proprietário do castelo de Belacon.

Marcelle – A baronesa não morreu, afinal. E estou certa de que vos deixará ficar no castelo, em nome da paz social.

Francine – O castelo? A sério?

Claude sai do bar com o quadro na mão.

Claude – Raspei um bocadinho a tinta e descobri outro quadro por baixo!

Charles – E então?

Claude – Não vai acreditar.

Marcelle – A esta altura...

Claude – Tem a assinatura de Van Gogh!

René – É verdade que ele passou por esta região uma vez.

Charles – Se esta obra for autêntica, valerá uma fortuna.

Charles aproxima-se do quadro, mas Mario interpõe-se.

Mario – Lembro-vos de que este quadro é meu. Vocês não o quiseram.

Francine – Sempre disse que Mario era o genro ideal. O casamento será no castelo de Belacon, e toda a aldeia estará convidada!

Marcelle – A própria presidente da câmara terá o prazer de celebrar o casamento. Não é verdade, Madame la Baronesa?

Os futuros esposos beijam-se. Toca música nupcial.

Maurice – O casamento entre os subsídios e as grandes fortunas…

René – Outra maneira de acabar com a luta de classes na Aldeia Mais Bonita de França.

Escuro. Surge uma projeção da Virgem Maria. Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Dezembro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-294-4

Documento para download gratuito